

ACESSO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES INDÍGENAS NA FACULDADE ITOP

Renária Dias Duarte

PROIC/ITOP. Email: renariad_d@hotmail.com

Adriano Castorino

UFT. Email: adrianoCastorino@uft.edu.br

RESUMO

A política de acesso e permanência de estudantes indígenas no ensino superior exige acompanhamentos, diálogos e participação das instituições que ofertam vagas para esse público. Esta pesquisa se volta para a análise da política de acesso da Faculdade ITOP, porque nesta instituição há a possibilidade de ingressar estudantes indígenas Xerente. Nesse sentido, o objetivo foi conhecer os estudantes ingressados, entender o fluxo acadêmico e se possível ou necessário for, propor melhorias na política de acesso e permanência. Nesse sentido, este trabalho evidencia a história de vida de Ailton Pnerê Xerente, desde o ingresso até sua formatura. A política de ingresso se mostra como uma iniciativa de grande importância, todavia ainda é carregada de conflitos sobretudo porque o ingresso de estudantes indígenas no ensino superior não é uma simples ação de inclusão. Por isso, este projeto se volta para esta política para conhecer e entender os efeitos que ela produziu. A metodologia de trabalho foi a pesquisa etnográfica, com base na leitura de alguns textos e no diário de campo. Os resultados apontam para a imensa dificuldade de os estudantes terminarem o curso para o qual ingressaram e também para a dificuldade de interação no ambiente acadêmico.

PALAVRAS CHAVE: Xerente, Educação Superior, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Neste texto relato as experiências que tive desde as conversas iniciais para me inscrever, leituras e estadias na aldeia, para a realização do projeto de iniciação científica (PROIC), ofertado pelo Instituto Tocantinense de Educação Superior e pesquisa (ITOP), onde tenho como foco pesquisar a ingresso e permanência de estudantes indígenas xerentes na faculdade.

Em Junho de 2015 é lançado um novo edital do PROIC para novos acadêmicos que desejassem se inscrever, apesar de ofertarem uma bolsa de 50% no valor da mensalidade, não demonstrei muita excitação devido às dificuldades de tempo para conciliar maternidade, casa, trabalho e estudos. Depois de algumas conversas com o professor Adriano Castorino, decidi me inscrever e depois de participar de alguns processos seletivos iniciamos o projeto.

Sempre tive um interesse pela temática indígena, não por ser um grupo de minoria que precisassem de qualquer curiosidade, mas por terem uma cultura diferente e um modo de viver que me chamava atenção e que até então eram desconhecidos por

mim. Nas conversas iniciais que tive com meu orientador pude entender o sentido das coisas que eram faladas, mas jamais em nossas conversas pude entender a emoção que ele sentia e passava ao falar dos índios. Logo vieram as leituras, tive a oportunidade de ler alguns livros e textos nos quais pude aprender bastante sobre a temática como, diversidade cultural, ritos e crenças, língua indígena e vida política.

Dentre esses textos pude acompanhar a monografia do Ailton Penirê Xerente, acadêmico indígena do ITOP, ao acompanhar sua monografia desde o início, tive uma noção mínima das grandes dificuldades encontradas por acadêmicos indígenas no ensino superior, dificuldades estas que vão desde a forma com que eles escrevem a dificuldades que eles têm para entender algo que explicamos devido a sentidos diferentes que algumas palavras apresentam para eles, com isso o texto no princípio me pareceu um pouco confuso, não entendia bem o que o acadêmico queria passar em alguns momentos, após algumas releituras compreendia melhor o texto e organizava uma frase ou outra.

Com a leitura da monografia tive ricas informações sobre educação, ritos e crenças e culturas específicas do povo AKWĒ/XERENTE, ia afunilando assim a pesquisa ao tema desejado. Quanto mais eu lia sobre os povos AKWĒ, era despertada e mim uma vontade de conhecê-los melhor e entender o modo como viviam, no texto compreendi muitas coisas das quais nunca tinha visto ou ouvido falar.

Com essa motivação, me adentrei na questão que motivou esse projeto: como se dá o ingresso e a permanência de estudantes indígenas no ensino superior. Essa pergunta, aqui no contexto desse projeto, visa a compreender como se deu a trajetória de Ailton, então estudante do curso de pedagogia da Faculdade Itop. Essa pergunta de pesquisa, por assim dizer, é ampla, todavia, eu percebi que seria preciso conhecer como é foi a trajetória e o percurso de Ailton para eu poder entender as dificuldades que existem no processo de formação acadêmica dos estudantes indígenas.

Também preciso dizer que como minha pesquisa é focada apenas na vida de um estudante isso poderia ser pouco representativo. Sim, de fato, por esse viés, é pouco representativo, por isso, sobretudo, fui também conhecer outras histórias, fui ver como se dá os deslocamentos da Aldeia até a Faculdade Itop, que é onde estudo e onde Ailton estudou, e também como os demais que estudam, sobretudo na UFT, fazem para se deslocar e se manterem firmes nos estudos.

Ainda assim, meu foco está na história de Ailton. Não perdi de vista que meu interesse é conhecer a história de vida e as formas de ele resistir diante das dificuldades. Por isso, na parte seguinte já apresento as bases que me ajudaram no desenvolvimento deste projeto.

REVISÃO DE LITERATURA

Como esse é um trabalho de pesquisa com base numa metodologia etnográfica, a primeira coisa que fiz foi partir para uma fundamentação bibliográfica. Li alguns textos sem os quais eu não conseguiria entender e nem desenvolver esse projeto. O primeiro deles foi o de Roberto Cardoso de Oliveira (1996), *O trabalho do antropólogo*. Nesse texto, o autor defende que na pesquisa etnográfica é preciso *olhar, ouvir, escrever*. Esses fundamentos para este trabalho foram da maior importância, porque eu mesma tive de aprender a olhar, assim como também aprender a ouvir e sobretudo a escrever.

A primeira tarefa da pesquisa, como diz Oliveira (1996) esteja na prudente construção da perspectiva do olhar. Não se deve olhar o campo como se já soubéssemos o que veremos. “Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque a partir do momento que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (OLIVEIRA, 1996, p. 15).

Ainda sobre as bases da interação entre a minha pessoa, como interessada no trabalho de campo para ouvir a história do Ailton, eu pude entender que o ato de ouvir tinha, assim como o ato de olhar, de ser problematizado, questionado. “O Ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla. Portanto, uma verdadeira interação” (OLIVEIRA, 1996, p. 21).

Por fim, há de se comentar um pouco sobre a escrita, que como Oliveira (1996) uma coisa é quando eu estou na aldeia, quando falo, quando ouço, quando olho. Outra é quando estou aqui, num recolhido de minha escrita, já distante do que vivi. Nesse sentido, essa escrita que agora faço tem um dupla importância, uma é que me faz lembrar, relembrar o que vivenciei, a outra é que aprimoro em mim própria, a tessitura do texto como se narrasse, em palavras, as vivências que tive.

Saindo um pouco do ofício da pesquisa e do trabalho de campo, me volto agora para o conceito do que seria o *índio*. Para eu compreender mais fui ao livro de Júlio Cezar Melatti (2007), eu aprendi um pouco mais sobre a história indígena, de modo geral. A abordagem que Melatti utiliza para explicar as várias sociedades indígenas do Brasil é muito boa. Uma coisa que mais gostei foi do fato de ele explicar as bases da pré-história indígena. Isso foi muito bom porque nos dá uma visão mais completa que aquela que recebemos na escola, por exemplo.

O estudo de Melatti foram para mim um itinerário muito bom, porque problematiza o conceito de índio, explica os primeiros estudos feitos sobre essa temática no Brasil. E essas informações me foram muito oportunas, porque me ajudaram a entender como a questão indígena precisa ser encarada com mais calma, com mais

atenção. Não se pode, por exemplo, incluir um estudante indígena no ensino superior como se este estudante tivesse de se adaptar, assim, de modo simples.

Também li um pouco da noção de *descrição densa* de Clifford Geertz (1989). Para esse autor “em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento” (GEERTZ, 1989, p. 4). Essa noção de que a etnografia, como possibilidade de construção do conhecimento para mim foi um ato de novidade. Porque eu percebi que tanto eu quanto o Ailton nos tornávamos mais conhecidos um para o outro na mesma medida em que nos falávamos, mesmo que na fala o meu interesse fosse mais no sentido de entender minha pergunta inicial.

Um exemplo de como esse entrelace, essa interação se constrói, Geertz (1989) nos fala como uma piscadela, por exemplo, pode ser um conjunto de signos culturais. Isso significa dizer que a aproximação minha com o contexto da Aldeia foi se dando pelos detalhes que em mim ia fazendo sentido. Foi uma leitura que me ajudou a perceber que a descrição, essa tarefa de escrever o que a gente vê, é difícil porque normalmente o que se vê a gente vê é muito mais o que estamos treinados para ver. Assim, quando eu estava no contexto da Aldeia Funil, na escola onde o Ailton trabalha, era mais possível eu ver o que eu estava treinada para ver. Foi importante compreender que a descrição prescinde um olhar com mais acuidade, com mais sensibilidade.

O trabalho de Valéria Melo (2010) também foi muito importante para que eu pudesse entender alguns aspectos atuais da sociedade Akwê/Xerente. Valéria Melo fez uma pesquisa com muita densidade e conseguiu focar os aspectos que circundam a vida desta população, como as relações com educação, meio ambiente e sustentabilidade. Foi com base nesse trabalho que pude fundamentar minhas observações de campo.

Além desses textos, todos muito bons e com diferentes formas de abordagem, também eu vi dois filmes para que eu pudesse ter mais vivência com a temática indígena. Um foi *Terra Vermelha*, de Marco Bechis (2008). Nesse filme a questão dos Guaranis Kaiowá é abordada de maneira incisiva e poética. Me ajudou muito a compreender como a sociedade nacional trata o desmonte das sociedades indígenas. O outro filme foi *Da Luz da Vida a Água que Morre*, de Monise Busquets (2012). Esse filme fala da situação do povo Xerente depois da construção da UHE Lajeado. A maneira como esse filme foi feito é de uma delicadeza, as falas, a narração do mito de formação da sociedade Xerente. É tudo muito bom.

Além dessas bases conceituais, eu também não posso deixar de lado um mestre maior da minha formação pedagógica, Paulo Freire, em especial sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2002). Há uma frase nesse texto muito oportuna aqui: “A educação como processo libertador, deseduca a tradicional ideologia pedagógica, educadores(as) para educandos(as) e educa a educação nova no verdadeiro princípio educadores(as) com educandos(as) mediados(as) todos(as) pelo mesmo objeto que procuram conhecer, não mais como objetos uns/umas de outros/as, mas como todos(as) sujeitos, e quando homens e mulheres se tornam sujeitos eles/elas se libertam” (FREIRE, 2002. p. 184).

Eu cito essa frase porque a concepção de uma educação bancária ainda é o obstáculo maior para que a inclusão de outras perspectivas aconteça com mais humanidade. Por isso, o pressuposto metodológico, a fundamentação do trabalho de pesquisa também conta com Paulo Freire.

Com essas fontes, eu me lancei no trabalho, foi muito bom, porque ao ler e tentar compreender a situação tanto de meu projeto quanto da situação Xerente eu própria fui me aproximando lentamente de uma perspectiva mais humana, mais profunda. As leituras me trouxeram novas formas de ver o mundo e isso me ajudou muito. Ler também é uma forma de pertencer.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Nesta etapa, vou escrever sobre como eu consegui desenvolver este trabalho. Eu tive de fazer uma imersão no tema. Retomando os pressupostos de Oliveira (1996) e de Geertz (1989) o trabalho aqui é uma tentativa de narrar a vivência que tive tanto com o Ailton quanto a que tive na Aldeia. Para Geertz “O ponto a focar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa” (1989, p. 09). Como descrição densa, a tessitura do texto é um esforço de narrar tanto o trabalho em si quanto a metodologia que fora empreitada para fazer o trabalho.

O começo foi conhecer o trabalho do Ailton, como passo a seguir a descrever. Como o tema desse trabalho é fazer uma pesquisa sobre a estada do Ailton no ensino superior, eu precisaria logo de início conhecer seu trabalho. Assim, meu itinerário tem início por aí. Durante a pesquisa conheci por intermédio do meu orientador Ailton, cujo nome completo é Ailton Penirê Xerente, estudante indígena do ITOP que estava escrevendo sua monografia. Tive a oportunidade de acompanhá-lo durante esse processo e ajudá-lo com as normas da escrita, pois ele tinha dificuldades em organizar o seu texto como era exigido pela faculdade. Lendo o seu texto pude aprender muitas coisas sobre a cultura de seu povo, por meio de histórias que ele relatava como, o surgimento do fogo e os clãs, festas culturais, família e a diferença da educação ofertada no Warâ para a das escolas dos não indígenas nas aldeias. Ajudávamo-nos

voluntariamente, era uma troca de experiências e conhecimentos, onde ambos saiam ganhando.

Durante esse período entendi que as dificuldades relacionadas ao ingresso deles no ensino superior não se dão apenas em realizar o ato da matrícula ou o fato de eles terem ou não uma bolsa que pague suas mensalidades. Os estudantes indígenas tem uma maneira diferente de ver o mundo devido a sua cultura. Essas diferenças, no contexto da sala de aula, por exemplo, como me disse o Ailton em nossas conversas, podem resultar em comportamentos preconceituosos, como os de piadinhas, de conversas jocosas. Evidentemente que isso afasta, que exclui e que machuca.

Agira quero falar do dia da defesa do Ailton. No dia da defesa, ele se caracterizou como em dias de eventos na aldeia. Estava de short, sem camisa, com o corpo pintado de acordo com o seu clã e usava um adereço em sua cabeça. Estavam presentes seus irmãos e outro convidado da aldeia. Seus pais não puderam ir, pois sua mãe estava internada devido a uma enfermidade. A banca avaliadora estava composta por Kyldes Vicente, Alcides Moreira e seu orientador Adriano Castorino. Depois chegaram a coordenadora do curso de pedagogia e a diretora da instituição.

Ailton estava nervoso, o que era normal para um dia como aquele. Seu orientador pediu que ele apresentasse da forma que ele se sentisse mais a vontade, ele preferiu apresentar sentado. Durante sua defesa percebi que o discurso não era algo que ele dominava, não pelo nervosismo, mas aquilo não era comum para ele e nem para o seu povo. Ele explicava devagar, tentando que entendêssemos o que ele estava falando e suas palavras diversas vezes tinham a pronuncia diferente da nossa. Ailton apresentou como o exigido pela instituição, mas não poderíamos entender tudo o que ele nos falou naquela tarde com o mesmo sentido ou importância que tinha para eles.

Pesquisa campo

Chegou um momento da pesquisa que jugamos necessário vivenciar alguns momentos na aldeia e conversar com alguns estudantes indígenas. Eu e meu orientador conversamos diversas vezes para organizarmos nossa ida, não sabíamos quando seria possível, pois já fazia algum tempo que eu estava com alguns problemas de saúde e não podia arriscar me sentir mal na aldeia, também tenho um filho pequeno o que dificultou ainda mais nossa ida. Quando melhorei meu estado de saúde, decidi que era o momento de finalmente irmos.

Sai da minha casa em um dia de sexta feira, era feriado em Palmas, sai cedo, meu filho ficou dormindo, era umas sete horas da manhã, não comi nada, estava ansiosa para a minha primeira experiência na aldeia. Na estrada para Tocantínia ia calada, observava a estrada com os olhos, mas minha mente não era capaz de perceber nada,

pensava mil coisas, estava receosa, sempre que comentava com alguém que ia à aldeia ouvia uma serie de comentários que não eram baseados em nada, além do pré-julgamento que as pessoas têm sobre os povos indígenas ou por qualquer outra coisa que não conhecem.

Pouco antes de chegarmos a Tocantínia entramos por uma estrada que dava acesso a aldeia Funil, a qual Ailton trabalhava, era com ele o meu encontro. Ao parar o carro peguei caderno e caneta para algumas anotações e duas bananas caso sentisse fome, logo que desci do carro fui recepcionada por varias crianças que correram ao nosso encontro, fui apresentada a elas que carinhosamente me receberam com um “Seja bem vinda professora”, não pude conter a emoção em ver a pureza e simplicidade com que aquelas crianças me acolheram. Ao entrar na escola Ailton estava a nossa espera, nos apresentou a outras pessoas que trabalhavam na escola e nos mostrou a estrutura física da mesma. Era uma escola pequena, com um formato tradicional, salas quadradas, as crianças sentadas em filas, uma estrutura comum, bem parecida com as que eu estava acostumada.

Já em uma sala início minha conversa com Ailton, estávamos sós, ele tão tímido quanto eu. Demos inicio falando sobre a escola em que ele trabalhava e como era para ele estar trabalhando. As escolas implantadas nas aldeias representam para eles uma grande conquista, pois através delas crianças e jovens tem a oportunidade de estudar sem ser preciso que saiam da aldeia. Conversamos sem formalidades ou com algum modelo de entrevista, a caneta e o caderno ficaram de lado, me atentei apenas em ouvi-lo. Nessa conversa, agora quando escrevo, retomo o texto de Oliveira (1996) quando ele diz da necessidade de questionar a domesticação do olhar, do ouvir. Quando o ouvia, pude perceber meu estranhamento, em ouvir, e o dele em falar. Aqui percebi, de modo indireto, uma resposta para a minha questão de pesquisa: saber ouvir os estudantes indígenas.

O ingresso deles no ensino superior é carregado de um sentido de solidão, sobretudo porque não há muitas possibilidades de interação, em especial quando se trata de ouvir, de escutar suas histórias, porque como vi, ali na minha estada com o Ailton, a imensa dificuldade de saber ouvir o que ele tinha para me dizer. Aqui me vem à mente uma afirmação de Geertz: “fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989. p. 09).

As crianças estavam agitadas com minha presença, sempre apareciam na janela da sala em que estávamos isso descontraia o momento. No decorrer da conversa Ailton

relatou como foi que ficou sabendo da bolsa que estava sendo ofertada pela faculdade e como foi seu ingresso. Algumas informações demoram a chegar a aldeia. Quando ficou sabendo o prazo para as matriculas já estavam quase encerrando. Ele precisava sair de sua aldeia e ir até a cidade de Palmas para fazer sua inscrição no vestibular. Devido a falta de carro para fazer o transporte de pessoas da aldeia para a cidade Ailton precisou pedir para que alguém o levasse de moto até a cidade de Tocantínia para que ele pegasse o ônibus. Ao chegar em Palmas ele teve dificuldade para encontrar onde era a faculdade, que ainda era desconhecida para ele. Após realizar a prova do vestibular que era uma redação sobre um determinado tema escolhido pela faculdade, Ailton conseguiu ser aprovado.

Depois de conversarmos, saímos da sala e fomos para o pátio da escola que ao lado tinha um campo de terra, me sentei no chão e fiquei a observar as crianças por algum tempo, que se encontravam em sua ultima aula, naquela manhã. Algumas ainda estavam de short ou saia, outras estavam apenas de peça íntima, elas tiraram as roupas para se sentirem bem a vontade enquanto disputavam um jogo de futebol. Elas rolavam no chão e se sujavam sem nenhum pudor, no final da aula simplesmente vestiram a roupa, pegaram seus materiais e foram pra casa. Já era horário do almoço, nos despedimos e voltei para Tocantínia.

Já na cidade pegamos Valdimar Calixto Xerente, que nos levaria até a sua aldeia, Riozinho, a qual o seu pai é Pajé. Atravessamos o rio de voadeira e almoçamos na cidade de Miracema. Retornamos a Tocantínia e pegamos também Maciel, mais um colega indígena que iria conosco. A aldeia Riozinho é mais distante que as outras, são mais ou menos cinquenta e sete quilômetros de estrada de chão para chegar até lá, esta dificuldade faz com que Valdimar more na cidade de Tocantínia para facilitar sua locomoção até a faculdade, em Palmas.

Assim como a história de Ailton, a de Waldimar é a mesma situação. Ele fica no fundo da sala. Ele estuda comigo, na mesma turma, então percebo várias situações que ouvi na história do Ailton, no meu convívio com o Waldimar. Há uma pretensa timidez, que nada mais é que uma dificuldade de se relacionar, de interagir. Isso, como posso observar na minha vivência na sala de aula quanto a que vivi na aldeia, se explica porque a perspectiva, a forma de os estudantes indígenas se relacionarem com os não indígenas faz com que eles se sintam retraídos. Porque quase sempre os não indígenas fazem piadinhas, tiram sarro da cara deles.

Além destas características mais do comportamento, me lembro de aqui de um texto de Daniel Munduruku (2009): “Para o pensar indígena a ideia de acumular, produzir, poupar ou guardar traz consigo uma concepção de tempo que empobrece

a própria existência porque torna as pessoas mais vazias e egoístas” (MUNDURUKU, 2009, p. 23). Isso significa dizer, por exemplo, que o tempo da Faculdade é muito regido pela lógica que impõe um ritmo acelerado, de concorrência mesmo. Já para os estudantes indígenas, como me disseram a Eliete, o Ailton, o Pedro, e a convivência com o Waldimar, percebo que para eles os compromissos com as festas, com os rituais da aldeia, estão sobre o calendário das aulas. Isso dificulta e muito a vivência deles na Faculdade, porque é como se eles não tivessem compromisso, inclusive alguns colegas chegam a pensar e falar isso.

Por isso, a leitura de Daniel Munduruku (2009) foi para mim um alento, porque ele é um intelectual indígena, fala do lugar de indígena, ele compreende o que passa o ser indígena em interação com a nossa sociedade. “A educação indígena só pode, pois, ser compreendida pela indissociabilidade da tríade corpo-mente-espírito, cada um desses pólos sendo o responsável pelo desabrochar dos sentidos, da experiência da vida e dos sonhos” (MUNDURUKU, 2009, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa percebi que a educação ofertada pelo estado que por muito tempo não fazia parte do cotidiano dos povos indígenas se torna hoje necessária para eles, se tornando também uma forma de luta por seus direitos. Depois da conversa com Ailton Penirê Xerente e outros estudantes da aldeia entendi que mesmo sendo de muita importância para desenvolver a pesquisa, as obras que li não me teriam permitido entender as reais dificuldades enfrentadas por jovens indígenas ao ingressarem em um curso superior.

Durante o curso de pedagogia conheci Eliete, estudante indígena que além de mulher é uma liderança que defende a causa de seu povo. Eliete foi mais uma entre muitos estudantes a desistir do curso por não ter condições mínimas de se manter estudando em um curso superior. Durante uma rápida conversa a estudante ressaltou que além das inúmeras dificuldades enfrentadas ainda teve que superar preconceitos vindos de suas colegas de curso.

Enquanto estava na Aldeia Porteira fui apresentada a Pedro Xerente, graduado em pedagogia, pela UFT – Campus Universitário de Miracema no ano de 2014. Em sua monografia Pedro relata que, não é fácil para os indígenas passar no vestibular e quando isso acontece, eles têm muita dificuldade em se deslocar da aldeia para o local das aulas. Os estudantes não podem contar com um transporte adequado e acabam dependendo do transporte escolar das crianças para chegar até a cidade de Tocantínia. Além das dificuldades de deslocamento Pedro resalta as dificuldades que ele sentia em ter os estudos dentro de uma sala, em entender uma língua diferente da deles,

algumas disciplinas que ele não conseguia entender, os livros que apresentavam uma linguagem mais técnica e desconhecida por ele e a metodologia utilizada pelos professores.

O que mais pude entender é que a busca dos povos indígenas por um modelo de educação ofertada pelo estado se dar devido ao interesse de lutar pelos direitos e em busca de melhorias para seu povo. A implantação das escolas nas aldeias não eliminou os graves problemas enfrentados durante a formação escolar dos indígenas, problemas esses que se agravam ao chegar ao ensino superior.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, 1989.

MUNDURUKU, Daniel. Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009. Texto disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ML/article/view/324/322>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**: Olhar, Ouvir, Escrever. 1996. Texto disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>

Recebido em 20 de setembro de 2016.
Aceito em 16 de setembro de 2017.